

Universidade de Brasília  
**Blenda Batista de Oliveira**

A Ditadura Militar em *Benjamim* de Chico Buarque  
de Holanda.

Brasília  
2012

**Blenda Batista de Oliveira**

A Ditadura Militar em *Benjamim* de Chico Buarque  
de Holanda.

Dissertação final de curso apresentada para  
conclusão da graduação em Letras- Língua  
Portuguesa e Respectiva Literatura. Área de  
concentração: Teoria Literária, Literatura  
Contemporânea na Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Doutora Sara  
Almarza

Brasília

2012

## **Agradecimentos**

À Professora Sara, orientadora muito querida, pela paciência, pelo carinho que teve durante esse processo, e por mais este laço de amizade.

Aos Professores, que colaboraram muito para o meu crescimento, pelos estímulos e pelo apoio.

À minha família, por apoiar irrestritamente minha jornada ao longo desses quatro anos.

## Resumo

O presente trabalho tem por objetivo discutir, de forma profunda, os elementos alegóricos da obra *Benjamim* de Chico Buarque, tendo por base o período ditatorial brasileiro. Trata, em específico, do estudo da linguagem figurada e dos perfis de algumas personagens, empregados como coadjuvantes de sua crítica mordaz ao regime.

A Ditadura, em si, não é mencionada diretamente no texto, porém, comparece diversas vezes em forma de alegoria, estando presente em todo o enredo, no entanto, de modo sutil. Esta análise pretende identificar a sátira em meio ao figurado, ao fictício, e traçar um paralelo entre o representativo e o real, comparando fatos ocorridos nos Anos de Chumbo com os símbolos apresentados na obra literária.

A pesquisa teve dois alicerces para sua elaboração: o posicionamento político e o envolvimento de Chico Buarque nas questões relativas à (re)democratização; e devido à censura, a utilização do imaginário, por parte dos compositores e escritores, para expor suas opiniões e seus descontentamentos.

**Palavras-chave:** Ditadura Militar. Linguagem Figurada. Crítica. Alegorias.

# Sumário

1 Introdução.....	6
2 As Alegorias.....	8
As Nuvens.....	9
O Irmão Maior.....	13
O Sobrado Verde-musgo.....	17
3 Considerações Finais.....	23
4 Bibliografia.....	24

## Introdução

Francisco Buarque de Holanda iniciou sua carreira como escritor em 1962, até então com dezoito anos, escrevendo seu primeiro conto. Produziu diversas obras tanto no âmbito musical, quanto na literatura propriamente dita. Já nos primeiros anos de Ditadura, sofreu perseguições, e, como partidário da esquerda, teve de exilar-se em 1969, ano subsequente à imposição do Ato Institucional 5- o mais severo e repressor dos Atos; voltou em 1970, quando se afastou do samba e passou a compor de uma maneira própria. Foi ativo intelectual no Brasil da repressão, criticou a política e lutou pela redemocratização do país, e esse discurso está muito presente na narrativa de *Benjamim* (1995), o romance escolhido para análise do presente trabalho. Chico Buarque ganhou ainda três Prêmios Jabuti: o de melhor romance em 1992 com *Estorvo*<sup>1</sup> e o de *Livro do Ano*, tanto pelo livro *Budapeste*<sup>2</sup>, lançado em 2004, como por *Leite Derramado*<sup>3</sup> em 2010.

A obra, apesar de em nenhum momento mencionar a Ditadura, ou mesmo os anos e que se viveu esse regime, trata da sociedade pós-trauma, alheia ao que aconteceu e ao que ainda ocorria. Suas personagens aparecem repletas de medos, inseguranças, e psiques sintomaticamente alteradas. Chico Buarque tenta mostrar, a partir das personagens, o retrato de uma sociedade doente psicologicamente, hipócrita, egoísta e egocêntrica, a qual vive de aparências e baseia-se nas mesmas para formar suas opiniões.

Como os cidadãos comuns não têm culpa na vil situação em que vivem, o narrador foca nas consequências da ocasião, o Brasil pós Ditadura. Os efeitos da má administração de verba refletem como pobreza e miséria para milhões de pessoas e, a cada um, cabe uma saída, uma escolha para livrar-se do incômodo de não ter ou não ser, e desta maneira, vão cometendo pequenas atrocidades, seja roubando, seja prostituindo-se.

A ignorância de que fatos como estes existem ou mesmo de suas causas estruturais serve para criar a atmosfera do texto, em que tudo simplesmente

---

<sup>1</sup> HOLANDA, Chico Buarque de, *Estorvo*. São Paulo: Círculo do livro, 1991.

<sup>2</sup> HOLANDA, Chico Buarque de, *Budapeste: romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

<sup>3</sup> HOLANDA, Chico Buarque de, *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

acontece, e as personagens têm de resignar-se. Do mesmo modo que os brasileiros da época agiram, assombrados pelo fantasma da tortura, sem acesso à informação e sem direito a expressar-se livremente.

O povo apenas deixou-se estar, passivo, inerte, sem perspectiva de evasão ou mudança, “ ...,cadáver adiado que procria?”<sup>4</sup>, como disse Fernando Pessoa. Toleravam a vida desgraçada que tinham, extremamente alienados e manipulados.

Porém, para a maioria das críticas apresentadas, Chico Buarque traz uma válvula de escape, a incitação à luta pela democratização, à luz do sábio Darcy Ribeiro: “Só há duas opções nesta vida: se resignar ou se indignar. E eu não vou me resignar nunca.”.

No presente trabalho, analisarei as alegorias que o autor criou para compor sua obra. As personagens ajudam a constituir o teor crítico do texto e, em cada representação, comentarei sobre seus perfis, suas atitudes, seus temores; e como essas questões podem relacionar-se com o tema da Ditadura Militar.

*Benjamim* é repleto de simbologia, e, dentre as várias alegorias, escolhi três que considere mais interessantes e pertinentes, dada a proposta do trabalho. São: As Nuvens, em que também analiso a personagem de Alyandro Sgaratti; O Irmão Maior, no qual versarei sobre o protagonista- Benjamim Zambraia; e O Sobrado Verde-Musgo, parte que contemplo as figuras de Castana Beatriz, do Professor Douglas e, novamente, de Benjamim.

---

<sup>4</sup> PESSOA, Fernando. *Mensagem- Poemas esotéricos*. (Edição Crítica de José Augusto Seabra.) Porto: Fund. Eng. A. Almeida, 1997. p.43.

## As Alegorias

O sucesso de uma obra literária não está apenas em seu conteúdo, ou na inovação de uma narrativa, mas pelo *modus* como as questões são retratadas, seja por longas descrições ou por condensamento de ideias em forma alegórica ou metafórica. O motivo pelo qual decidi analisar as alegorias- e não as próprias relações entre as personagens, é por acreditar que a maior crítica pode não estar explícita, mas sim nas entrelinhas, nas representações, nas simbologias ou até nas digressões.

A censura coibiu a produção artística no Brasil durante muitos anos, e esse medo de escrever sobre determinados assuntos permaneceu entre os intelectuais que vivenciaram a Ditadura. A maneira que encontraram para manifestar-se ou criticar o sistema foi utilizar-se da linguagem figurada, ornamentando a mensagem, e, deste modo, suavizando, mascarando suas opiniões ou mesmo a sátira. O trabalho com o simbólico é uma das características mais veementes das obras de Chico Buarque, o que se tornou presente tanto na música – como em *Angélica* (1977) e em *Cálice* (1973), quanto na prosa- com *Benjamim* (1995) e *Fazenda Modelo* (1975).

## As Nuvens

**... e o doutor Aliandro não tem pressa em abrir a porta do carro esporte que afunila o trânsito. [...] A nuvem que Aliandro observou uma hora antes, quando parou o carro, também parece estar estacionada. Permanecem intatas as suas formas de castelo, a base chata apenas um pouco alongada para sustentar as torres que se deslocaram de leve para o norte. Mas é visível que as torres logo serão decepadas pelo vento sudoeste, que curvará o dorso do castelo, que arrancará no céu transfigurado em touro, o que é bom presságio. (Holanda, 1995, p.34)**

Neste primeiro momento, analisarei a personagem que ajuda a compor esta alegoria- o candidato de direita Alyandro Sgaratti, e, dentre o estudo de sua trajetória, comentarei sobre alguns episódios em que o narrador critica ou denuncia os comportamentos do político.

Alyandro é o retrato de um homem bem sucedido, supersticioso, de boa aparência e poderoso; representante grotesco da gama de “políticos” que estiveram em ação durante os “Anos de Chumbo”.

A todo momento, dá mostras de sua falta de escrúpulos e de sua mesquinhez. Apesar de hoje poder disfrutar de diversos privilégios, possui origem humilde: morava em palafitas no subúrbio e quando a mãe emendava o plantão do hospital noturno para cuidar de velhos durante o dia, o pequeno Aliandro roubava pães doces. Criou-se na rua em companhia do primo, mais velho, e ficavam até tarde em busca de novas padarias e novos pãezinhos até que:

**...foi conduzido pelo primo até uma rua escura, transversal. ‘Olha as putas’, disse o primo numa gargalhada. Ali gargalhou também, para imitar o primo, olhando aquelas mulheres que fumavam, cada qual dona de um poste. Gargalhou até ver sua mãe,... (Holanda, 1995, p.71)**

Naquela época, Aliandro não sabia o que de mal fazia uma prostituta, “..., mas já tinha a certeza de que, no mundo inteiro, pior que veado, maconheiro, dedo duro e tudo o mais, a pior situação na vida é ser um filho da puta.” (Holanda, 1995, p.72). A expressão dedo duro, muito em voga na época da Ditadura, está em meio a uma série de outras características ruins, demonstrando um sentimento de desprezo pelo sistema de delação que vigorou por muito tempo no Brasil.

Seus pais eram negros, no entanto, Aliandro nasceu branco e com os olhos claros:

**Burlando as leis da genética desde o nascedouro, [...]. Ele**

**convenceu-se de que, se acatasse as estatísticas, moraria hoje nas palafitas, estaria tuberculoso, seria semianalfabeto, ou quem sabe trabalharia na construção civil, frequentaria o culto, pagaria o dízimo, ou quem sabe lavaria cloacas, teria sete filhos de mãe alcoólatra, [...]. Se valesse a justiça dos homens, ele sabe que não estaria hoje ao volante de um carro hidramático,... (Holanda, 1995, p.35).**

Nesta passagem, fica claro que a personagem seguiria um caminho determinista, marcado pelo destino irrefutável, isto é, continuaria vivendo em situação extremamente adversa e miserável. Quadro este, que abarcou grande parte da população brasileira durante anos, e que se agravou, principalmente, durante o período ditatorial. Todas as condições necessárias à vida digna eram negadas, como saúde, educação, trabalho justo, cultura, em outras palavras, direitos inerentes ao bem estar.

Outro ponto relevante é a questão de se falar em números e não em indivíduos. “As estatísticas”, essa impessoalidade é sintomática, o homem torna-se mais uma parte na porcentagem do quadro ou do gráfico, seria mais um dentre os milhões de miseráveis, que vão morar nas favelas, serão passivos e doentes, sem qualquer ajuda ou justiça advinda do Governo. E o último período da transcrição trata exatamente de Direito, pois entendendo o Brasil como país categoricamente injusto e desigual, Aliandro nunca sairia da classe pobre ou mesmo da favela.

Contudo, hoje Aliandro é, na verdade, Alyandro Sgaratti. Enriqueceu roubando, receptando automóveis e revendendo suas peças, construiu conjuntos habitacionais e continuou a fazer mais fortuna e amizades importantes. Seu nome, a conselho de uma numeróloga, transfigurou-se ao entrar para a política. Assim que se aliou com a direita, recebeu investimentos norte-americanos direcionados à sua campanha, para a qual ele não tinha nenhum preparo ou proposta; era um oportunista, facilmente manipulado. Sempre vestia azul e estava acompanhado de seguranças, além do seu amigo e dono da agência G. Gâmbolo Publicidade e Marketing, juntos planejam os detalhes da campanha:

**..., G. Gâmbolo estende uma cartolina: num horizonte azul-celeste, remontam as letras de ALYANDRO, como rochedos amarelos, com destaque para o ípsilon, em corpo maior e alaranjado; abaixo do logotipo, em letra de imprensa, o slogan ‘O companheiro xifópago do cidadão’. (Holanda, 1995, p.90)**

As cores, durante toda a obra, simbolizam ideias também, a cor azul dos ternos e da cartolina do candidato caracteriza-o como partidário da direita. Há ainda

o destaque para a letra “Y”, que originalmente não pertencia a seu nome, mas agora é o ponto central de sua grafia, além de provir do alfabeto da Língua Inglesa, outra sutileza que explicita seu alinhamento com a direita.

Em se tratando de seu slogan, o que primeiro chama a atenção é a palavra “xifópago”, isto é, característica de gêmeos que nascem unidos por partes do corpo, usualmente na altura do tórax, pelo apêndice xifóide; ou diz-se de pessoas que mantêm uma união muito forte<sup>5</sup>. Alyandro seria aquele que estaria acoplado ao cidadão vinte e quatro horas por dia, para o bem ou para o mal, neste caso, pode-se entender essa união como um tipo de vigilância, e mais tarde, opressão.

Em outro momento da obra, o autor descreve a produção de uma propaganda política para o candidato: “Meu nome é Diógenes Halofonte, sou professor e cientista social. Conheço Alyandro Sgaratti e posso afiançar: ele é o companheiro xifópago do cidadão’.” (Holanda, 1995, p.77). Existe uma denúncia muito contundente com relação ao episódio da propaganda: pessoas comuns, atores, simples empregados gravaram o comercial alegando serem personalidades confiáveis em prol da candidatura de um anônimo sem precedentes políticos. Mentiam e mentem, ainda hoje, outros mais que participam de campanhas eleitorais e se corrompem pelo dinheiro.

Muito supersticioso “Aliandro anda com os bolsos apinhados de contas, búzios, figas, e seu tato custou a discernir as chaves do carro.” (Holanda, 1995, p.34). Tendo em vista a situação ditatorial que privilegiava poucos, os políticos de direita tiveram vantagens, perceptíveis até a atualidade, e por consequência desses regalos, não eram favoráveis à deposição do sistema. Pode-se depreender que Aliandro tinha medo de que a ditadura viesse a cair e, assim como outros golpistas e militares, era supersticioso.

Analisando a alegoria em si, o castelo pode ser entendido como o Brasil da Ditadura Militar, estacionado, estagnado. A sua base chata refere-se ao empobrecimento sistemático das classes média e baixa, e também a um termo muito recorrente na época – achatamento salarial-. Momento em que a inflação, os altos juros e os cortes salariais diminuíram drasticamente o poder de compra dos brasileiros, e, conseqüentemente, mais famílias passaram para abaixo da linha da

---

<sup>5</sup> Segundo o *website* Dicionário InFormal. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/xif%C3%B3pago/>>. Acesso em: 17 jun. 2012.

pobreza e da miséria. Desta sorte, alongou-se a base, que sustentava todas as corporações e multinacionais, além da burguesia aliada brasileira, a qual se deslocou levemente para o norte, ou seja, tornou-se adepta dos preceitos estadunidenses. De modo que, tanto o capital estrangeiro, quanto o nacional passaram a explorar as massas e a abusar das proibições de greve e de sindicalismo.

Já ao final da alegoria: “Mas é visível que as torres logo serão decepadas pelo vento sudoeste, que curvará o dorso do castelo, que arrancará no céu transfigurado em touro, o que é bom presságio.” (Holanda, 1995, p.34)

É colocada uma proposta de revolução, o narrador não só afirma, como deseja que a população saia do estado de torpor e vá à luta. Os ventos que vêm do sul, ou de baixo, podem e devem curvar o castelo e suas torres imponentes, pois possuem a força das massas, ou de touros para tal.

O polissíndeto que aparece ajuda a conferir certo ritmo à leitura, mas o autor o quebra ao trocar de lugar a conjunção “que” na última oração, aliando a isto uma palavra positiva, de incentivo, visto que a composição das frases anteriores refletia um pensamento negativo.

O modelo ditatorial, estagnado sobre o país por longos vinte anos, trouxe implicações sérias para a (re)estruturação do Brasil após a abertura, a corrupção, o nepotismo, a falta de escrúpulos, o abuso de poder foram costumes reforçados no decorrer do período militar. Os generais se utilizavam dessas práticas para manter o regime, e, quando saíram do comando, deixaram a política brasileira, em grande parte, corrompida e, visivelmente, fortalecida de um lado – a direita.

## Irmão maior

**(Benjamim) Caminha por uma rua perpendicular à praia e já na primeira quadra começa a suar nas mãos, com a sensação de estar sendo seguido. Imagina o táxi preto na sua cola, o que deve ser tolice, mas recusa-se a virar o pescoço. É sensação idêntica à que lhe passava o irmão maior, que todo dia o acoitava aos gritos: ‘Vou te pegar, vou te pegar’. Pegaria quando quisesse, era forte, era um galalau, [...]. Pois agora, como se ainda tivesse atrás de si um irmão maior, Benjamim diminui o passo e por pouco não empaca numa esquina. (Holanda, 1995, p.110)**

O irmão maior atormentou Benjamim em boa parte de sua infância, era mais velho e robusto, gostava de importunar o pequeno irmão e, deste modo, começou a mostrar a face do medo a Zambraia logo nos primeiros anos de sua vida. Essas lembranças, entre outras, colaboraram para a construção do caráter e da personalidade do protagonista. Ao longo do texto, as perdas e as decepções também constituem sua individualidade, mas, por vezes, os traumas sofridos na infância são os que mais o afligem.

Benjamim Zambraia é o retrato de um homem mediano, sem desejos maiores, polido das ambições pertinentes a todo ser humano, “..., a não ser que ele mesmo resolva o dilema: entrar num bar-restaurant ou voltar para a cama. A questão é embaraçosa porque Benjamim não tem sono, nem sede, nem apetite, nem alternativa para esta tarde.” (Holanda, 1995, p.10).

Teve uma juventude áurea, intensamente vivida, fazendo usufruto dos privilégios da classe média alta brasileira. Tinha como foco maior ele próprio e suas pretensões, porém toda essa vida de prazeres esvaiu-se após um longo período de tempo, cerca de vinte a trinta anos, uma fase obscura, de que o texto não trata. Anos em que sofreu com a separação e a morte de sua ex-namorada – Castana Beatriz; essa etapa a que alude a obra seriam os Anos de Chumbo, perdidos para muitos brasileiros, assim como para o protagonista.

Benjamim é também o espectro de um ser humano violado, oprimido, que se sente vigiado e perseguido em vários momentos, como em: “Mas quando entra enfim no Bar-Restaurante Vasconcelos, ainda o incomoda a suspeita de uma câmara, talvez acoplada ao bico do ventilador de longas pás que gira no teto.” (Holanda, 1995, p.11).

Há ainda, mostras do vazio de uma vida sem norte, da falta de sentido

constante, de uma exaltação da estética, somente plástica: “Sentava-se na primeira fila e via filmes em língua estranha sem atentar para as legendas, maravilhado com a metamorfose das vogais, com a plástica das sombras nas bocas enormes.” (Holanda, 1995, p.14).

Hoje, já mais velho, Zambraia encontra-se às margens dos sentimentos e da sociedade, sente-se inútil e passivo. Toma suas decisões em busca de fios de felicidade e de um sentido para sua vida.

A figura do irmão maior assombrou Benjamim por muitos anos, e isso continua a se refletir em sua vida adulta, contudo, essa personagem representaria mais do que um integrante familiar inconveniente:

**E o primeiro gato de que Benjamim tem recordação, o irmão maior afogou num tanque. Ele recorda-se bem de como não compreendeu o gato, no momento em que o viu todo eriçado no fundo da água. Outros episódios turvos de sua vida também só foi compreender mais tarde, como se, a exemplo do corpo do gato, precisassem de um tempo para subir à tona. (Holanda, 1995, p.137)**

O irmão era vil, agia maldosamente por prazer, não possuía escrúpulos; ele banalizou a morte e Benjamim levou algum tempo para assimilar isto, e essas primeiras experiências ou leituras de mundo, o protagonista foi, aos poucos, aplicando ao seu modo de viver.

Em outro momento, na própria voz do narrador, fica claro uma reminiscência dos medos e choques passados, os quais podem ser associados aos que o irmão maior incutiu em Benjamim: “É possível que os momentos que acabamos de viver subitamente se apaguem de nossa consciência, e se transformem em medo, desejo, ansiedade, premonição”. (Holanda, 1995, p.57). São cicatrizes que ficaram gravadas no interior da personagem, nas camadas mais profundas do psicológico, local onde se coloca tudo o que se deseja esquecer, mas, vez em quando, as lembranças vêm à superfície e transfiguram-se, um pequeno incidente na rotina pode reaparecer como pavor extremo.

A imagem do irmão maior poderia representar o Estado, tirano e certamente mais forte que o cidadão comum. O governo dispunha de dois aparatos: a lei e a força, o regime crescia e amedrontava largamente o povo brasileiro. A perseguição sofrida por milhares apresenta-se como o eterno “vou te pegar” do irmão de Benjamim, e o pânico que este lhe impunha, deixou marcas na psique de Zambraia assim como em toda a população que viveu o terror dos anos ditatoriais.

O abalo era visível, e o narrador denuncia isto na passagem: “Certa vez empacou durante vinte e quatro horas no portão de casa, [...] ignorou os chamados da empregada para o almoço e o jantar. [...] pôs-se de cócoras e só arredou pé de manhãzinha, arrastado pela mãe...” (Holanda, 1995, p.110-111). Benjamim se mostra tão atemorizado, que nem ao menos se deita, fica estante em frente à casa em que morava, tamanho era o medo de ser pego pelo irmão. Ao que se pode associar o horror experienciado pelos brasileiros naquela época, pânico este, que a Ditadura esforçou-se para infligir aos cidadãos sem distinção de cor, sexo, idade ou crença, e que trouxe consequências para muitos, principalmente para os que foram presos e torturados.

Entretanto, mais uma vez, o texto indica uma vazão, a mãe de Zambraia estava arrastando-o para o enterro do irmão. Fica explícito o desejo de ver o fim do regime ditatorial, o irmão maior, que tanto intimidou Benjamim, estava agora morto e não poderia ameaçá-lo novamente. Não se pode negar que deixou estigmas irreversíveis, mesmo quando mirou o irmão no caixão, sentiu a sensação tenebrosa de outrora, viu: “... que os cílios do irmão maior não chegavam a se fechar, e viu uma nesga do branco dos seus olhos (“vou te pegar”, “me pega logo”)” (Holanda, 1995, p.111)

Esse receio aparece em outro momento: “Em frente ao edifício do largo do Elefante há um carro estacionado com os faróis acesos. Sem poder discernir modelo ou cor, Benjamim prefere contornar o edifício e tomar a entrada de serviço.” (Holanda, 1995, p.111). O táxi preto, o irmão maior, o carro da citação acima são todos instrumentos que oprimiam Zambraia, fazendo-o sentir-se permanentemente vigiado, apreensivo, acovardado. Ainda que não estivessem à sua procura, Benjamim era vítima de seus próprios fantasmas, a psicose já estava internalizada e havia criado raízes.

O irmão maior também pode ser relacionado à obra “1984” de George Orwell<sup>6</sup>, em que se fala de um “Big Brother”, não necessariamente do grande irmão, mas o irmão maior, aquele que tudo vê e, mais que isso, tudo vigia.

O Estado tinha conhecimento das atividades de grande parte dos brasileiros, principalmente dos suspeitos de oposição ou comunismo. Vigilância que foi aprofundada com o sistema de delação e vigia do inimigo interno.

---

<sup>6</sup> ORWELL, George. 1984. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Semelhante situação a que os norte-americanos estiveram submetidos durante a recente Guerra contra o Terror de Geroge W. Bush, mesmo esquema eficiente, lugares e tempos diferentes. A opressão e a pressão eram tamanhas que os próprios estadunidenses, assim como os brasileiros, não tinham noção da grandiosidade do terrorismo vivido, e tomavam consciência à medida que as patologias sociais tornavam-se mais gritantes, ou quando o pânico atingia seu círculo de família e amigos.

Manter a população em constante alerta desvia o foco dos interesses de rebelião, reivindicação de direitos suprimidos, ou de melhorias em alguns setores. Alienados, os cidadãos vivem para delatar outrem, é preferível dedurar a ser dedurado.

## Sobrado Verde-Musgo

**Oblíquo, o sobrado verde-musgo comparece no final da rua repleta de construções modernas.[...] e supõe que nem ali encontrem um abrigo enxuto, pois o doutor Cantagalo a preveniu de que aquela é uma casa abandonada, degenerada pelas intempéries, cheia de infiltrações. É uma casa cujo o proprietário desapareceu muito tempo atrás sem deixar vestígios. (Holanda, 1995, p.49)**

O Sobrado verde-musgo é o cenário em que quatro personagens muito importantes da obra cruzam-se: Ariela Masé, Benjamim Zambraia, Castana Beatriz e o Professor Douglas Saavedra. Em um primeiro momento, a casa aparece juntamente com a figura de Ariela, em função de locação ou venda do imóvel; e, posteriormente, conjuga as outras três personagens.

Iniciarei pela segunda parte:

A modelo Castana Beatriz foi o amor da vida de Benjamim em seus anos de ouro, o casal era muito bem quisto pelos amigos. Até que Castana conheceu o Professor Douglas, o qual possuía um grupo de estudos sobre a América Latina, os encontros eram clandestinos e aconteciam no sobrado. Castana rompeu o namoro com Benjamim e foi viver, às escondidas, com o Professor Douglas.

A história do triângulo amoroso, em si, é superficial, o que analisarei será o contexto e a influência que o sobrado exerceu nas vidas das personagens.

Após o desaparecimento da modelo, Benjamim é acordado dentro de sua casa da seguinte maneira:

**Era um brutamontes de colete, e trazia na mão um objeto reluzente que Benjamim custou a definir como um porta-retratos, [...]. Baticou no vidro do porta-retratos e perguntou ‘conhece?’. Benjamim conhecia de vista o amante de Castana Beatriz e sabia que, se mentisse, poderia tomar pancadas na cabeça até cair em contradição. [...], falou ‘é o Professor Douglas Saavedra Ribajó’. (Holanda, 1995, p.82)**

O relato acima, não por acaso, assemelha-se às narrativas de cidadãos que tiveram a casa invadida pelos militares e/ou sofreram sevícias. Benjamim ficou aterrorizado com a situação e consentiu em colaborar por temer a represália física a que seria submetido.

Durante a Ditadura, a tortura foi um instrumento muito utilizado para conseguir informações, o requinte das mesmas era tão alto, que os militares brasileiros chegaram a “exportar” os métodos cruéis para os países vizinhos.

O narrador deixou claro que Benjamim poderia ser torturado até desmentir-se, outra atrocidade que ocorria com frequência: o indivíduo sofria tantos espancamentos que divergia de seu primeiro testemunho, enlouquecia por sofrer demasiados abusos morais e físicos.

A transcrição representa uma prática comum dos Anos de Chumbo, porém, na obra, o brutamontes não está a serviço do Estado, e sim do Doutor Campoceste- pai de Castana. Talvez por tratar Benjamim com tanto desprezo e asco, o Doutor tenha adquirido uma imagem próxima a de um tirano para Zambraia.

O Doutor Campoceste nunca mais reencontrou a filha, chocou-se com a notícia de que seria avô e a deserdou. Muitos anos se passaram até Benjamim revê-la, em frente aos Correios, decidiu segui-la, viu-a adentrar o Sobrado Verde-Musgo acompanhada do Professor Douglas, e quando Zambraia regressava para o táxi, presenciou:

**...um indivíduo com a barba cortada rente, [...] atentou para sua camisa pólo, sua barriga inchada, seu cinturão de couro, sua calça de brim e a metralhadora que trazia pendurada na mão direita. [...] requisitou os documentos de Benjamim, sem lhe apontar a metralhadora. [...] devolveu-os falando 'muito obrigado'. Virou-se para Barretinho, a quem chamou Zilé, e ordenou-lhe que deixasse Benjamim em casa. Pelo canto do olho, Benjamim relanceou os homens que convergiam de pontos esparsos para o sobrado verde-musgo. [...] fechou a janela, com medo de ouvir o início do tiroteio. (Holanda, 1995, p. 141)**

Esta passagem não reflete um simples assassinato. A significação que o autor trouxe para esta alegoria está implícita, pois as aulas de América Latina representam a oposição comunista ao regime ditatorial. A morte de Castana e do Professor Douglas simbolizaria a supressão das liberdades dos cidadãos, o casal foi assassinado sem causa ou justificativa, eram considerados pelo Estado como subversivos, perigosos, e a forma mais eficaz de refrear esse comportamento era punindo com a tortura ou com a morte.

O casarão foi determinante para a morte dos dois jovens, era a casa onde se encontravam clandestinamente, examinavam mapas, tramavam contra o Governo, e- não por casualidade- foi o local que deu cabo à vida de ambos.

O Sobrado Verde-Musgo poderia representar o Governo Militar, o verde-musgo faria alusão à cor do seu uniforme, com uma ponta de desgosto pela palavra “musgo”.

A Ditadura, como já supracitado, não aparece ao longo da obra, o que surgem são mostras das consequências do regime, críticas mascaradas, entre outros; mas a figura do Sobrado comparece reiteradas vezes, está tanto no começo, quanto no meio, e exerce um papel fundamental no final no texto.

Por estar situado ao final de uma rua repleta de construções modernas, pode-se entender o Sobrado como um sistema retrógrado ao lado das democracias que já insurgiam na América Latina. O Brasil mostrava-se atrasado diante dos países vizinhos, os quais já se desprendiam das amarras e da espoliação norte-americana.

“..., pois o doutor Cantagalo a preveniu de que aquela é uma casa abandonada, degenerada pelas intempéries, cheia de infiltrações.”. (Holanda, 1995, p.49). Pode-se associar a casa abandonada ao governo que desampara seu povo, a nação tinha a impressão de estar desguarnecida, os investimentos das áreas básicas – saúde, educação, alimentação etc., haviam sido reconfigurados para um único ponto: a investigação do “inimigo interno”, em outras palavras, o próprio povo brasileiro.

Como os Estados Unidos viviam um período de guerra, ainda que fria, instituíram dois tipos de inimigos, o externo e o interno: o primeiro era, em específico, a União Soviética; e o segundo era o comunismo. Uma vez que o Brasil não tinha este inimigo externo, foi levado a acreditar que possuía o interno, redirecionando as verbas para o combate às ameaças comunistas. Privou, deste modo, a população de seus direitos constitucionais e gerou uma série de reflexos observados até hoje, como a pobreza extrema dos estados do Nordeste, educação defasada e de baixa qualidade, saúde em situação sempre crítica, aumento do abismo entre os ganhos das classes mais altas e os das classes mais baixas.

É um ambiente degenerado também pelas corrupções, subornos, politicagens. As infiltrações podem ser associadas aos espiões ou aos delatores, os quais podiam ser encontrados nos mais variados lugares: escolas, repartições públicas e privadas, hospitais etc., colaborando para a disseminação dos sentimentos de medo e de perseguição tão presentes na obra.

“É uma casa cujo o proprietário desapareceu muito tempo atrás sem deixar vestígios. Teria sido assassinado, segundo alguns. Ou viveria no estrangeiro, segundo as autoridades da época...” (Holanda, 1995, p.49). O dono não desapareceu, como leva a entender esta parte do texto, já ao final do livro, constata-se que o proprietário era o falecido Professor Douglas, e o autor apenas se utilizou

da palavra “desapareceu”, (também muito empregada pelos militares) de forma irônica, para designar o assassinio.

**Ariela imagina que os caraminguás ainda sejam divididos por três ou quatro homens feitos, que não se lembram da cara do pai e gostariam de deitar abaixo o sobrado verde-musgo, para levantar um edifício vistoso como os demais. (Holanda, 1995, p.49-50)**

Do guarani “karamengwa”, que significa badulaques ou objetos de pouco valor<sup>7</sup>; nesta situação, pode configurar-se como representativa de uma etnia: “os caraminguás”, estaria relacionada aos nativos do país, povo identificado como brasileiro por essência. Neste ponto, o narrador busca os primórdios do entendimento de Brasil, trazendo a imagem dos primeiros habitantes.

A analogia com os indígenas, leva à reflexão de que a verdadeira população brasileira seria os índios, e, explorando o figurado, deitar o sobrado verde-musgo significaria a solução: a luta contra o regime e os interesses externos.

Os caraminguás não se lembram de ter um herói, um símbolo norteador, o que não impediria o desmanche do sistema ditatorial. Nesta passagem, como em diversas outras, o autor exprime sua vontade de ver ultimada a Ditadura no Brasil. A democracia, esplendorosa e tão sonhada representa-se como os prédios vistosos, tal qual os que surgiam no sul da América.

**Ariela abre o cadeado e desarticula a corrente provisória que, com o auxílio de uma única dobradiça, segura a porta de casa. Entra atrás dos rapazes, encosta a porta e põe-se a tatear a parede à cata do interruptor, porque as janelas estão vedadas e a escuridão é completa. (Holanda, 1995, p.51)**

A simbologia representada pelo cadeado e a corrente assimila-se como a tirania e a submissão vividas, porém, por tempo provisório (corrente provisória). A escolha lexical não transmite muito otimismo, mas apesar das impossibilidades e dos obstáculos, o escritor aponta para a efemeridade desta circunstância, que é sustentada exclusivamente por uma dobradiça, ou seja, o interesse dos Estados Unidos em aliciar o país e sua economia. Percebe-se pelo teor das citações anteriores que o desejo de mudança já se encontra entre o povo, porém o que protela a revolução é esta única dobradiça.

---

<sup>7</sup>Segundo o *website* do Dicionário Online de Português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/caramingua/>>. Acesso em: 17jun.2012.

Em seguida, associam-se os anos de tirania à escuridão total vivenciada; as janelas fecharam-se, o país, em si, foi enclausurado, não podendo receber a iluminação do pensamento revolucionário.

Uma obscuridade também pela negação da produção cultural e a censura a que todos foram submetidos, assim como uma série de direitos que foram violentamente retirados com a força dos Atos Institucionais.

Mais à frente, as personagens sentem-se atordoadas por estar dentro do Sobrado, pois, entre outros reveses, a cozinha exala um cheiro de bicho morto, isto é, a podridão em que se encontrava a Ditadura e a conseqüente impropriedade de permanecer inerte perante a opressão, não havia modos de tolerar esse pútrido esquema.

O Sobrado foi protagonista em outra situação: Benjamim e Ariela reencontram-se, ao final do livro, e seguem de táxi para o local que Ariela solicita (rua 88), ela está tentando esquivar-se de Benjamim o quanto pode, mas ele continua implacável.

“E Benjamim sente o maior desassossego ao distinguir o sobrado verde-musgo no final da rua. É pra lá que o carro aponta, e antes mesmo que ele freie, Ariela já está com o pé no meio-fio.” (Holanda, 1995, p.163). O protagonista é acossado por um tufão de ideias e lembranças, recorda-se de Castana e toda sorte de sensação que ela já havia lhe proporcionado, Ariela abre a porta do Sobrado que tomba, ela entra apressada e Benjamim tenta segui-la, de forma alguma, ele sente-se confortável naquele local, então:

**Volta a sala, depara com um homem em contraluz, ocupando quase todo o vão de entrada, e imagina um cliente de Ariela. Faz menção de cumprimentá-lo, mas o homem desloca-se e dá a vez a outro, de igual tamanho. Atrás deste, um outro, e são doze homens que ingressam no sobrado, dispendo-se em semicírculo. (Holanda, 1995, p.164)**

Neste momento, já percebendo o que sucedia, Benjamim tenta cobrir-se, esconder-se, talvez imaginasse que isto havia ocorrido a Castana Beatriz do mesmo modo. Ele está aterrorizado, já pressente o fim, sabe que aqueles homens eram portadores de uma intenção funesta.

Os instantes dentro do Sobrado são narrados rapidamente, assim como em toda a obra, não existem longas descrições, o que há é uma sucessão acelerada dos acontecimentos, assemelhando-se ao que se passa na vida real.

E de chofre, a narrativa volta ao princípio do livro:

**‘Fogo’, grita um, e a fuzilaria produz um único estrondo. Mas para Benjamim Zambraia soa como um rufo, e ele seria capaz de dizer em que ordem haviam disparado as doze armas ali defronte. [...] Tudo se extinguiria com a velocidade de uma bala entre a epiderme e o primeiro alvo letal (aorta, coração, traqueia, bulbo), e naquele instante Benjamim assistiu ao que já esperava. (Holanda, 1995, p.165)**

A obra inicia e finda, praticamente, com a mesma configuração. Benjamim, na verdade, compartilhou seus últimos momentos de vida com o leitor. Mais do que isso, reprojeteu o filme de sua vida, trouxe à tona as pessoas mais importantes, os acontecimentos mais significativos, seus amores, suas alegrias, mas também seus temores, seus traumas, suas decepções.

A figura do Sobrado foi uma das que mais perturbou o protagonista, a casa como portadora de lembranças adversas, dolorosas, e, ainda, como último local em que Benjamim esteve é um dos pontos elementares para a composição da obra.

E, transpondo a imagem do casarão, a Ditadura Militar também incutiu pavores, psicoses, distúrbios, além de muita dor ao povo brasileiro. Foi o último período em que inúmeros cidadãos foram vistos, do modo similar às personagens da obra.

## Considerações Finais

O resultado da análise profícua das alegorias, juntamente com os estudos sobre a Ditadura Militar foi uma descrição pormenorizada das representações tanto das personagens, quanto dos elementos figurados da obra.

Apesar de não comparecer propriamente no texto, a Ditadura mostrou sua face em diversos momentos, permeando todo o enredo, e influenciando intensamente a vida de algumas personalidades.

As críticas e as denúncias, algumas sutis, outras mais ácidas, também estavam incorporadas à linguagem figurada. Sofreram metamorfoses para que fosse preservado o exercício de criticar. Mas o escritor não satirizou apenas, ao final de cada alegoria, apresentou formas de evasão como representativas do desejo de ver finda aquela situação de tirania.

Os dados foram elencados de acordo com o contexto e o posicionamento do autor. Desta sorte, a análise de *Benjamim* teve algumas de suas incógnitas desveladas, fundamentadas, principalmente, no histórico de oposição, de luta, e de descontentamento de Chico Buarque de Holanda.

## Bibliografia

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil nunca mais*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes. 1985.

CHIAVENATO, J. Jose. *O golpe de 64 e a Ditadura Militar*. 2º ed. São Paulo. Editora: Moderna, 2004.

Dicionário Online de Português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/caramingua/>>. Acesso em: 17jun.2012.

Dicionário InFormal. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/xif%C3%B3pago/>>. Acesso em: 17 jun. 2012.

HOLANDA, Chico Buarque de, *Benjamim*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Chico Buarque de, *Estorvo*. São Paulo: Círculo do livro, 1991.

HOLANDA, Chico Buarque de, *Budapeste*: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HOLANDA, Chico Buarque de, *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PESSOA, Fernando. *Mensagem- Poemas esotéricos*. (Edição Crítica de José Augusto Seabra.) Porto: Fund. Eng. A. Almeida, 1997.

ORWELL, George. *1984*. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

### Videografia

O ano que meus pais saíram de férias – Cao Hamburger

400 contra 1 – Caco Souza

Muito além do cidadão Kane - BBC